

Analisando os Desafios dos Usos das Tecnologias Digitais por Servidores/as Públicos Idosos/as: uma etnografia no contexto da Universidade Federal de Goiás¹

Galba Cristina Bezerra França Scartezini - UFG/GO

Palavras-chave: mídias tecnológicas; idosos; educação

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto da minha proposta de pesquisa para o mestrado que eu, enquanto antropóloga em formação, estou iniciando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS/UFG, vinculado à linha de pesquisa “corpo e marcadores sociais da diferença” e orientada pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo Henning.

A pesquisa de campo ainda não foi realizada, portanto este paper será uma análise da revisão bibliográfica que poderá contribuir para minha qualificação de mestrado futura.

Propomos elaborar uma abordagem e análise antropológica sobre usos de mídias digitais e também sobre curso da vida, envelhecimento e velhice. O objetivo é analisar os impactos do avanço das tecnologias digitais na vida dos idosos/as, buscando apreender as lutas e enfrentamento desses profissionais em seu movimento histórico, contra a exclusão, a invisibilidade e o isolamento social.

Busca-se conhecer os desafios enfrentados pelos servidores/as idosos/as, a partir do avanço tecnológico implementado e as transformações ocorridas no período contemporâneo. O campo empírico da pesquisa será a Universidade Federal de Goiás e os sujeitos pesquisados serão os/as servidores/as idosos/as do ensino superior. As questões versarão sobre a prática profissional, estilo de vida, intensificação e precarização do trabalho, a inserção no mundo digital e o reflexo na vida profissional dos trabalhadores/as idosos/as. Portanto, o desafio é o de decifrar os novos tempos, novos arranjos, investidas do mundo digital nesse momento de profundas alterações no mundo do trabalho e na vida em sociedade.

Para a definição do presente objeto de pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico por meio da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, que

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

integra os sistemas de informação de produções científicas existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil. O processo de construção do conhecimento no campo do envelhecimento possibilita sair de uma observação empírica para analisar teoricamente sua totalidade, historicidade, os fatores determinantes que estão relacionados às condições, nas quais, a natureza do trabalho e das tecnologias digitais se constituem, se transformam e se realizam.

Sob o aspecto profissional, desde o meu ingresso no serviço público em uma universidade de ensino superior, sempre estive muito próxima da questão trabalho e tecnologias digitais e sua organização, sobretudo dos/as trabalhadores/as idosos/as. As ações cotidianas no exercício profissional me permitiram suscitar diversos questionamentos e inquietações, revelando o meu interesse pelo estudo na produção do conhecimento nessa área, permeada por profundas transformações no mundo do trabalho por meio das tecnologias digitais, que atingem principalmente os/as trabalhadores/as idosos/as.

A escolha do tema é decorrente também da pesquisa em minha trajetória acadêmica. Em 2018 o meu trabalho de conclusão do curso de especialização em Gestão Pública teve como título “Inovações Tecnológicas na Administração Pública: a Implementação do Sistema Eletrônico de Informações – SEI”, sendo assim, desde então estudo sobre as mídias digitais no setor público.

Portanto, a partir da minha experiência profissional, e considerando minha trajetória acadêmica, surgiu o interesse por esse tema e vislumbrei a possibilidade desta pesquisa para compreender as novas configurações das relações entre trabalho e tecnologias digitais expressas na organização e estruturação do trabalho presentes nos espaços institucionais, entre eles a Universidade Federal de Goiás, campo empírico da presente pesquisa. Ademais, esta pesquisa me permite ligar os eixos: antropologia do curso da velhice e mídias digitais.

No caso de uma antropologia do curso da vida e da velhice, nosso estudo não utiliza referenciais biológicos deterministas sobre envelhecimento e velhice, mas sim se utiliza de uma análise histórico-cultural sobre o envelhecimento e velhice no contemporâneo desejando analisar o modo como usos de aplicativos e mídias digitais impactam, transformam e abrem espaço para "velhices" possivelmente específicas e distintas daquelas que foram experimentadas por gerações anteriores.

ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DO CURSO DA VIDA, DA MEIA IDADE E DA VELHICE

Segundo Guita Grin Debert em seu artigo Pressupostos da Reflexão Antropológica sobre a Velhice:

“Da perspectiva antropológica, mas também do ponto de vista da pesquisa histórica, trata-se de ressaltar, em primeiro lugar, que as representações sobre a velhice, a idade a partir da qual os indivíduos são considerados velhos, a posição social dos velhos e o tratamento que lhes é dado pelos mais jovens ganham significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos” (DEBERT, 1994, p.7).

Desde a Antropologia Clássica, “as etnografias mostram que em todas as sociedades é possível observar a presença de grades de idade. Entretanto, cada cultura tende a elaborar grades de idades específicas” (DEBERT, 1994, p.8).

Embora os anseios dos idosos, como por exemplo serem respeitados, ou chegarem na velhice ativos, sem sofrimento e com uma boa aposentadoria, coincidam nas sociedades, é importante ressaltar que a velhice vai variar de acordo como ela é vivida e interpretada em cada uma das sociedades.

De acordo com Debert, a questão da idade cronológica - entenda como idade cronológica a datação - é utilizada nas sociedades ocidentais, e não é por uma questão cultural, mas por exigência das leis, pois entram questões de maioridade legal ou demandas sociais como o direito à aposentadoria. Porém, voltando na questão da antropologia clássica que tem como uma de suas características apresentar formas de sociedade e cultura muito distintas da nossa, cabe informar que na maioria das sociedades não ocidentais as idades cronológicas estão ausentes, sendo levado em consideração a transmissão de status sociais.

Em se tratando ainda da velhice nas sociedades ocidentais contemporâneas, além de um problema social, o envelhecimento é objeto de uma especialidade científica - a gerontologia. Aliás, várias disciplinas, cada qual do seu modo, tem contribuído com esta última etapa da vida “que exige tratamentos especializados, como o desgaste físico e os médicos; a ausência de papéis sociais e os sociólogos; a solidão e os psicólogos; a idade cronológica e os demógrafos; os custos financeiros e as ameaças à reprodução das sociedades e os economistas e os especialistas na administração pública” (DEBERT, 1994, p. 25).

Carlos Eduardo Henning traz a ideia de que os processos, transições e momentos do curso da vida relacionados ao envelhecimento e velhice, possuem uma alta arbitrariedade e plasticidade histórico-cultural e precisam ser lidos a partir de análises

circunscritas e localizadas de modo a evitar que as noções de envelhecimento, meia idade e velhice sejam lidas como universais, sendo que podem variar a depender da localização. (Henning, 2014)

Para conceituar uma análise antropológica do curso da vida, da meia idade e da velhice, Henning cita Featherstone & Hepworth (2000, p. 109):

“a concepção dominante do curso da vida como uma trajetória linear e do tempo como recursos finitos resulta numa concepção de envelhecimento como um processo unidirecional”. E, ademais, poderíamos afirmar que o desenrolar do curso da vida e a concepção mesma de envelhecimento as quais permanecem em voga em grande parte das sociedades ocidentais contemporâneas, seria também o resultado de concepções particulares e circunscritas de “temporalidade”. (Featherstone & Hepworth, 2000: 109, apud Henning, 2014 p.76)

Para Henning, na perspectiva da historiadora Tamara Hareven (1999):

“Os distintos momentos e categorias do curso da vida devem ser interpretados em seus contextos sociais e históricos específicos, assim como em sua relação com o curso da vida como um todo, evitando analisá-los como fenômenos isolados e desvinculados das “descobertas” e criações de outros momentos e categorias” (Hareven, 1999, apud Henning, 2014, p.76)

Sobre a velhice, na perspectiva de Hareven:

“A emergência da “velhice” como fenômeno social, cultural e biológico pode ser melhor entendida no contexto dos outros estágios da vida. As condições sociais das crianças e adolescentes numa dada sociedade estão relacionadas ao modo como o ser adulto é concebido nessa sociedade. De maneira semelhante, o papel e posição dos adultos e dos idosos estão relacionados ao tratamento das crianças e dos jovens. A formidável tarefa de investigar a sincronização do desenvolvimento individual com a mudança social requer uma perspectiva que leve em consideração o curso de toda a vida e várias condições históricas e culturais, em vez de simplesmente concentrar-se num grupo específico de idade (Hareven, 1999, p.16) ”.

De acordo com Henning, quanto a noção de idade, em grande parte das pesquisas etnográficas, observa-se nas sociedades grades de idades, porém, conforme a cada cultura mostra “que a idade não é um dado da natureza, não é um princípio naturalmente constitutivo de grupos sociais, nem um fator explicativo dos comportamentos humanos” (Debert, 1998, p.09, apud Henning, 2014, p. 77).

Henning aborda também em relação à “meia-idade”. Este termo surgiu para se referir a uma ideia ainda em desenvolvimento em um dicionário de língua inglesa em 1895 e poderia ser considerado como o “auge da vida” ou a “idade perfeita na vida de um homem”. (Henning, 2014 p.80)

Ainda sobre a meia idade, o autor faz a seguinte abordagem sobre o gerontólogo

norte-americano Ski Hunter:

“a meia idade nos Estados Unidos, estaria estabelecida entre os 40 e os 64 anos de idade. Sendo que a velhice se iniciaria com 65 anos de idade ou mais. Entretanto, ele afirma que os limites entre tais períodos de vida não são claramente definidos pela idade e que a variação de tais categorias do curso da vida ocorre devido a vários fatores, como o aumento da expectativa de vida da população mais velha assim como o prolongamento de sua atividade produtiva. (Henning, 2014, p.81)

Henning compreende que para os direitos sociais adquiridos pelos idosos, foi importante a veiculação de imagens sobre a velhice. Embora negativas em alguns aspectos, a partir do uso político dessas imagens foi possível garantir aposentadoria e seguridade social, por exemplo. E assim surge a categoria “Terceira idade” estabelecida na segunda metade do século XX para enaltecer a velhice e não relacioná-la com fim da vida ou doenças e solidão.

“o envelhecimento é visto, então, como processo inexorável de perdas e de aumento da dependência. Entretanto esta perspectiva estereotipada tem sido mudada nas últimas décadas em prol da revisão de tais estigmas ao se colocar em evidência olhares mais positivos para as distintas experiências de envelhecimento (Debert, 1999, apud Henning 2014, p. 82)

Por fim, para os estudos de uma análise antropológica:

“Nas últimas décadas, especialmente a partir da década de 1970, é possível incluir no debate sobre as reinvenções e recriações do curso da vida e das categorias nele envolvidas, especialmente da meia-idade e da velhice, a questão do “curso da vida pós-moderno”, cunhado por Harry R. Moody (1993) para se referir às mudanças que dão novas configurações às maneiras como a vida se desenrola, provocando um embaçamento das fronteiras antes estabelecidas entre expectativas e comportamentos considerados adequados para os diferentes grupos etários, e inferindo uma sociedade em que a idade se tornaria irrelevante (Debert, 1999a, apud Henning 2014, p.83)

ANTROPOLOGIA DIGITAL

A abordagem da antropologia quanto a internet e mídias digitais ganha ênfase nos estudos de Carolina Parreiras, Jean Segata e Theophilos Rifiotis. Nossa pesquisa antropológica gira em torno do uso compulsório das mídias digitais pelos idosos. Para o melhor entendimento e aprofundamento da pesquisa no campo digital, é preciso entender alguns conceitos, teorias e metodologias discutidas por esses autores que discorro um pouco a seguir.

De acordo com Parreiras, a antropologia tem hoje um subcampo chamado “antropologia digital”:

“O que chamamos aqui de digital se refere a um conjunto heterogêneo e bastante amplo de objetos, ações e relações sociotécnicas que se tornaram parte de nossa experiência cotidiana, modulada por marcadores sociais de classe, gênero, idade, raça, sexualidade, dentre outros. Já se tornou lugar comum entre estudiosos/as da Antropologia e das Ciências Sociais a afirmação de que não existe apenas uma internet para todos e todas, não existe apenas um Facebook ou um YouTube, pois, como pesquisadores/as, precisamos investigar como diferentes sujeitos ou grupos sociais se apropriam, vivenciam e conferem sentido a esses dispositivos tecnológicos, que são, como toda tecnologia, intrinsecamente sociais”. (LINS; PARREIRAS; FREITAS, 2020, p. 2)

Outra discussão importante a ser levantada seria a questão do real e virtual que são vistos como oposição. É como se o virtual “não existisse” e não fosse REAL. Mas o virtual é muito real, somos nós que estamos lá operacionalizando. O virtual está presente na rotina diária e é realizada por pessoas reais. Seria o real presente no virtual, que equivocadamente é visualizado como algo menos real e menos importante, e separado da vida. (PARREIRAS, 2008)

De acordo com Cadernos de Campo (2020), a “proposta é substituir o par de oposição real/virtual por online e offline, partindo da premissa de que não se trataria de mera modificação da terminologia ou da manutenção da dicotomia, mas sim, de repensar a própria relação entre o que está sendo chamado de online e de offline”. (LINS; PARREIRAS; FREITAS, 2020, p. 3).

Mais uma questão importante sobre mídias digitais a ser discutida, seria em relação às desigualdades digitais, sobretudo no domínio das redes sociais, sistemas institucionais, diferentes dispositivos, diferentes redes e plataformas, sites e aplicativos no âmbito geracional. É necessário pesquisas mais aprofundadas sobre o assunto. No curso da vida, adolescentes, jovens, adultos e até mesmo as crianças, se veem em uma situação mais confortável em relação à tecnologização das atividades.

Segundo Lins (2019), hoje não “entramos na internet” e sim vivemos imersos nela. Isso se deve à popularização dos smartphones e da consolidação da internet sem fio. Dito isso, o termo cibercultura, antes considerado ciberespaço, foi abandonado e deu lugar ao digital devido a ampliação das tecnologias digitais relacionadas à internet.

No cenário pandêmico, o estudo de “etnografias para internet” tem demonstrado ser bastante estratégico para conduzir pesquisas que não se resumem apenas sobre a internet em si, mas sobre a internet e os usos que as pessoas fazem dela, sobretudo associada aos marcadores sociais da diferença, como classe, raça, geração e gênero. De acordo com Hine (2020, apud LINS; PARREIRAS; FREITAS, 2020, p. 6) existem três características consideradas pontos de partida para etnografias para a internet

contemporânea: “incorporada (embedded), corporificada (embodied) e cotidiana (everyday)”.

Apesar da diversidade temática e de formas de abordagem de temas relativos ao digital, esta pesquisa não se dedica a reflexões sobre o aspecto metodológico e éticos com foco na internet e no digital, esta pesquisa se ocupará em estudar os muitos usos das tecnologias no cotidiano laboral e com as suas implicações políticas.

Para uma análise, embasada por meio de um estudo etnográfico, conforme Geertz (1997), para entender as nuances do grupo particular, geracional, no qual proponho, será necessário um exame minucioso. Como etnógrafa, pretendo descobrir como o meu grupo estudado, de pessoas idosas, incorpora as formas de atividades institucionais tecnologizadas.

ANALISANDO OS DESAFIOS DOS USOS DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS POR SERVIDORES/AS PÚBLICOS IDOSOS/AS

Durante a pesquisa, mediante observação-participante e análise de narrativas, sobre o envelhecimento e velhice e os desafios profissionais e pessoais relacionados aos usos de sites, aplicativos e mídias digitais no contexto de trabalho de servidores/as públicos/as federais abordaremos a ação governamental e subjetiva que ocorre.

A proposta de estudo a ser realizada se encaminha na compreensão das contradições do mundo do trabalho e das tecnologias digitais com o processo de isolamento dos/as servidores/as idosos/as e seus desafios contemporâneos.

Em relação à perspectiva acadêmica, justificamos a necessidade de demonstrar como o trabalho e as tecnologias digitais têm afetado a vida laboral da categoria de trabalhadores/as idosos/as, trabalho esse apreendido no contexto histórico, político e econômico e, conforme demonstrado em nosso levantamento das produções encontradas no Banco da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, não há produção acadêmica - dissertações - no campo da antropologia referente ao trabalho e tecnologias digitais dos/as servidores/as idosos/as da educação no ensino superior.

Considerando que a quantidade de produções científicas referente à temática trabalho e tecnologias digitais ainda é incipiente, ressaltamos a relevância deste estudo para o campo da antropologia. O trabalho dos/as servidores/as idosos/as necessita ser analisado sob um prisma que considere e valorize esses/as trabalhadores/as e não provoque o seu isolamento histórico, social e cultural.

. Neste trabalho, analisaremos como os/as servidores/as idosos/as têm se adaptado na realização de suas atividades laborais cotidianas de modo digital, que antes eram realizadas de modo analógico. Também apresentaremos materiais etnográficos que apontarão as maneiras pelas quais são reificadas e absorvidas pelos meus interlocutores.

Com o objetivo de delimitar o campo de pesquisa e alcançar as produções científicas mais próximas do assunto investigado, definimos os seguintes descritores: “Tecnologias digitais” AND “idosos”.

As produções encontradas dizem respeito às áreas da educação, sociologia, serviço social, comunicação e economia. Nesse contexto, ressaltamos que não há produção acadêmica (dissertação) na área da antropologia sobre o trabalho dos servidores idosos do ensino superior e tecnologia digitais, demonstrando a relevância desse estudo.

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

A busca preliminar resultou em 21 produções (dissertações) com um filtro por ano de 2010 a 2020, período referente ao cenário de intensos avanços no campo tecnológico, que causou um certo estranhamento para os/as servidores/as idosos/as que enfrentaram a dificuldade de inserção no mundo digital.

Descritores: “tecnologias digitais” AND “idosos”	Ano: 2010 a 2020
Instituições	Quantidade
UFRGS	03
USP	03
PUC-SP	02
UFBA	02
UFC	02
UFSCAR	01
PUC-RIO	01
UFMG	01
UFPEL	01
UFES	01
UFV	01
UNB	01

UNICAMP	01
UNIFESP	01

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022).

A partir do quadro abaixo, demonstramos os principais achados de produções científicas.

Quadro 2 – Tecnologias digitais e idosos

Síntese das dissertações referentes ao tema tecnologias digitais e idosos.

TEMA	ANO
1. Análise das competências em informação dos idosos no uso das tecnologias digitais	2018
2. Educação financeira de idosos apoiada por tecnologias digitais	2018
3. O velho e o novo: caminhos para entender a relação dos idosos com as tecnologias digitais	2011
4. “Devagarinho a gente pega o jeito”: um estudo antropológico sobre envelhecimento e mídias digitais	2017
5. Desenvolvimento e validação de tecnologias digitais voltadas ao ensino de uma prática integrativa e complementar em saúde	2019
6. Prácticas coeducativas en torno a la cultura digital: (des) encuentros intergeneracionales	2018
7. Abrindo gaiolas: estudo de uma experiência invisibilizada da EJA	2017

8. A pessoa idosa e a tecnologia digital na vida social	2019
9. Idosos, tecnologias de comunicação e socialização	2014
10. Letramento digital e inclusão social do idoso	2018
11. Mulheres idosas ressignificam o envelhecimento: contribuições da educomunicação	2013
12. Intersecção geracional: a pessoa idosa em meio às rotinas tecnologizadas	2013
13. INSTRUMEDS: um instrumento para materiais educacionais digitais em dispositivos móveis para idosos	2016
14. Por uma aproximação mais amigável das pessoas idosas às recentes tecnologias do smartphone e tablet	2017
15. Caracterização da utilização de computador e internet entre os idosos residentes do município de São Paulo: Estudo SABE (Saúde, Bem-Estar e Envelhecimento)	2018
16. Os reflexos na vida de estudantes jovens, adultos e idosos a partir de uma prática de inclusão digital coletiva	2017
17. Voz e vez de idosos em um programa de rádio: um novo lugar para socialização, autonomia e solidariedade intergeracional	2018
18. Adultos mayores y sus interacciones con las TIC en el punto vive digital	2018

Toberín de la ciudad de Bogotá	
19. No jardim dos letramentos: tomadas de consciência e poéticas em rede e na cultura da convergência	2011
20. Estudos investigativos sobre a influência das novas tecnologias na educação e na qualidade de vida dos adultos	2011
21. Desenvolvimento de um protótipo de serious game simulado de sala de vacinação virtual para o processo ensino-aprendizagem em enfermagem	2020

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2021).

Assim, apontamos a relevância acadêmica e social desta proposta de estudo, tendo como eixo norteador a dimensão da totalidade histórica dos servidores idosos e seus desafios no contexto do mundo digital contemporâneo.

Em vista disso, ressaltamos a necessidade de ampliar o número de pesquisas que reconheçam e considerem os servidores idosos como classe trabalhadora em sua totalidade, logo, é imprescindível pensar o ser humano no contexto da totalidade histórica para além da vida laboral.

As mudanças produzidas no mundo do trabalho impõem múltiplas demandas à classe trabalhadora idosa, que, ao mesmo tempo em que tentam acompanhar a dinâmica do mundo digital sofre com o isolamento da vida social e laboral. Caracteriza-se uma desvalorização do trabalho das pessoas idosas. Identifica-se importante conflito geracional do trabalho, manifesto, além da desvalorização e desqualificação do/a trabalhador/a idoso/a, e o surgimento dos trabalhadores isolados e possivelmente adoecidos.

No modo de produção capitalista, permeado por profundas transformações no mundo do trabalho, materializadas nas diversas expressões da gestão flexível, intensificada, precarizada, as quais levam o/a trabalhador/a, entre eles os/as trabalhadores/as idosos/as, a serem cada vez mais pressionados a realizarem múltiplas

atividades diante do avanço das tecnologias digitais.

A forma de organização do trabalho contemporâneo tem provocado, além da desvalorização do trabalhador/a, o crescimento da produtividade e a intensificação do processo de alienação e como consequência, o isolamento e a fragmentação da classe trabalhadora, principalmente dos/as trabalhadores/as idosos/as. A despeito, o que vejo como um dos pontos mais graves a situação dos trabalhadores que se aposentam por se sentirem excluídos perante os usos das mídias tecnológicas impostas pela administração.

Nesse sentido, os trabalhadores da educação e, especialmente, os/as servidores/as idosos/as, objeto deste estudo, sofrem com as mudanças ocorridas na organização do trabalho. O processo de trabalho desses profissionais se torna limitado ao serem isolados da vida laboral diante dos desafios das tecnologias digitais, com isso, deixam de ser reconhecidos em suas habilidades e qualificação. O resultado disso é, portanto, desvalorização da classe trabalhadora e sobretudo, conforme demonstra este estudo, dos/as servidores/as idosos/as.

Diante do exposto, este estudo busca elucidar e analisar as seguintes questões de pesquisa: Os servidores que se encontram na velhice estão preparados para se adaptar às mídias digitais? Como eles reagem ao ter que desenvolver atividades de modo digital que já vinham desenvolvendo de modo analógico? A existência de um aumento de tensões e angústias produzindo situações complexas e desafiadoras profissionalmente no curso de vida dos/as servidores em questão pelo uso dos sistemas tecnológicos impostos, poderia levá-los/las à aposentadoria ‘involuntária’? Como as mídias digitais têm reconfigurado e transformado a trajetória dos/as servidores públicos federais idosos/as?

O estudo terá como objetivo geral conhecer a realidade e o uso de tecnologias digitais no trabalho do/a servidor/a público federal idoso/a. Além de analisar as diferentes formas de uso e as distintas apropriações das mídias digitais no desenvolvimento destes/as trabalhadores/as e levar a informação para a sociedade acadêmica da complexidade que é o uso das mídias digitais por esta população idosa.

Ademais propomos pesquisar se os/as servidores/as públicos/as idosos/as estão sendo desafiados/obrigados a enfrentar em seu curso de vida a tecnologia imposta em suas vidas profissionais e se a pessoa em situação de envelhecimento sente a pressão para enfrentar tais desafios, podendo desencadear diversas situações através desta pressão. Até mesmo uma aposentadoria.

Buscaremos oferecer informações institucionais sistematizadas à Universidade

Federal de Goiás - e a sociedade, em termos mais amplos - sobre as dificuldades, os desafios e as oportunidades que o aprofundamento da digitalização do trabalho na educação pública superior tem produzido nas perspectiva de servidores/as mais velhos/as, destacando, para tanto, as complexidades e idiossincrasias que os usos de sites, aplicativos, sistemas e mídias digitais em contextos trabalhistas universitários produzem a partir desses pontos de vista.

Entende-se que, devido à ausência de produções científicas no campo da antropologia, demonstrada por meio do levantamento bibliográfico sobre tecnologias digitais e idosos, o presente estudo se tornará uma referência para pesquisadores que darão sequência a essa temática, trará outras possibilidades de leitura.

Assim, este estudo objetiva desvelar nessa caminhada acadêmica as contradições sociais inerentes às relações de trabalho de servidores/as idosos/as e as tecnologias digitais, e o que a história nos mostra de continuidades e rupturas no trabalho dos servidores/as idosos/as.

Destacamos a importância de transformar esse objeto em um estudo significativo para esse campo e, principalmente, para os seus/suas trabalhadores/as idosos/as, colocar em discussão essas forças teóricas, converter problemas abstratos do mundo do trabalho em problemas científicos.

PROGRAMAS INSTITUCIONAIS

Na instituição nos deparamos com a digitalização de boa parte das atividades realizadas.

“Hoje, documentos institucionais e pessoais são digitalizados, serviços dos mais diversos tipos - privados e públicos - são acessíveis online e requerem acesso à internet via login (com uso de senha pessoal); atividades profissionais nos mais diversos campos, bem como atividades educacionais, supõem que se estabeleça um mínimo de relação com tecnologias digitais e comunicação online” (LINS; PARREIRAS; FREITAS, 2020, p. 4)

A questão que merece destaque aqui é que navegar nas redes sociais, em sua grande maioria, é uma opção para todos/as e em muitos casos um passatempo ou uma diversão. Porém, no que se refere às atividades laborais, os usos das mídias digitais não se configuram em uma opção, pelo contrário, os sistemas são idealizados pelo governo para ser utilizado por todos/as de modo que não é dada uma atenção especial aos servidores/as idosos/as que se veem obrigados/as a se adaptarem aos sistemas para tentar manter o fluxo de suas atividades cotidianas no trabalho.

“Podemos escolher não termos cadastro numa rede social como o Facebook ou não usarmos telefone celular. Há ainda pessoas e grupos sociais inteiros para quem tal escolha inexistente, seja, por exemplo, por falta de recursos financeiros para aquisição, de possibilidades para o aprendizado dos usos ou pela incompatibilidade com seu modo de vida. No entanto, o que queremos assinalar é o quanto a internet e o digital se tornaram pervasivos, presentes no cotidiano, para além da escolha ou preferência individual de entrar no Twitter ou aderir à prática de jogar online. (LINS; PARREIRAS; FREITAS, 2020, p. 4)

São diversos sistemas tecnológicos implementados pela Administração Pública Federal - APF que temos que utilizar. Posso citar uma gama de sistemas sem precisar entrar no mérito da funcionalidade de cada um, por exemplo: SIGAA, SIADS, SIGRH, SIPAC, SEI e SOUGov. Vou discorrer sobre os dois últimos logo abaixo.

O Sistema Eletrônico de Informações - SEI, permite a gestão eletrônica dos processos administrativos e documentos, de uma forma moderna. Na busca de melhorar a prestação de serviços para a sociedade, a administração pública admite o uso das novas tecnologias de informação. O sistema implantado em meados de 2017 na maioria dos órgãos federais, estaduais e até mesmo municipais foi criado a partir da Lei N.º 12.527 de 18 de novembro de 2011 na qual regula o acesso às informações previsto na Constituição Federal e na Lei N.º 8.112/1990, e é popularmente conhecida como “Lei de Acesso à Informação (LAI)”, regulamentada pelo Decreto N.º 7.724 de 16 de maio de 2012.

Outro exemplo importante de destacar em relação aos principais sistemas implementados/imposto pela APF é o SOUGov, cujo slogan já diz muito: “todos os serviços em um só lugar na palma da mão”. Este sistema faz parte de um amplo trabalho de transformação digital desenvolvido pela Secretaria Especial de Desburocratização, Gestão e Governo Digital e sua Secretaria de Gestão e Desempenho de Pessoal, do Ministério da Economia, para gerar uma maior e melhor conectividade entre os servidores ativos, aposentados e pensionistas e a gestão de pessoas da Administração Pública Federal (APF).

Em termos mais imediatos, trata-se da justificativa de que os sistemas digitais funcionam melhor para a celeridade dos serviços públicos, mas esse pragmatismo do mundo virtual em relação aos servidores que envelhecem tem vários reflexos e que podem ser analisados do ponto de vista antropológico.

O objetivo da proposta de governo é tornar o SOUGov um canal único de atendimento a direitos e benefícios gerados em função da relação de trabalho com a APF. O SOUGov é considerado uma plataforma e está disponível nas versões aplicativo e web,

podendo ser acessado pelo celular ou pelo computador, e oferece diversos serviços de gestão de pessoas, como o envio de atestado médico, autorização de acesso à Declaração do IRPF, cadastro/alteração de dados bancários, carteira funcional, comprovante de rendimentos, consulta a afastamentos, consulta a férias, consulta de dependentes, contracheque, ficha financeira anual, prévia de contracheque, a solicitação de auxílio-transporte, licenças gestante, adotante e paternidade e a prova de vida digital. A plataforma disponibilizará cerca de 70 serviços aos usuários, que no caso aqui focamos em nosso objeto de estudo, que são os servidores públicos federais de ensino superior que envelhecem.

O que está em questão é o dilema geracional vivenciado pelos servidores que não dominam o mundo digital. Portanto, se a dificuldade dos servidores não é relevante para a administração pública, sem dúvida é campo de conhecimento para uma abordagem antropológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta proposta de estudo é na área da antropologia, campo que não apresentou produção referente à temática “Tecnologias digitais e idosos”.

Será abordado os desafios e invisibilidade que os servidores idosos vivenciam no contexto em uma universidade pública federal, sobretudo com os usos das mídias digitais.

O levantamento bibliográfico realizado demonstrou que, apesar de existirem estudos sobre tecnologias digitais e idosos, essas produções não estão vinculadas ao campo da antropologia e que o número de produções das diferentes áreas do conhecimento encontradas, ainda é um número inexpressivo.

Será uma análise alicerçada na pesquisa etnográfica, que permitirá pensar as condições de trabalho dos/as profissionais idosos/as e suas contradições diante do avanço das tecnologias digitais.

Nessa perspectiva, construir um estudo referente aos/as servidores/as idosos/as e as mídias digitais, ainda pouco analisados na área da pesquisa, poderá contribuir como referência científica no campo da antropologia, para que outras análises possam ser desenvolvidas, permitindo, assim, a produção de novos conhecimentos que buscarão valorizar os/as servidores/as idosos/as.

Este trabalho etnográfico pretende tornar visível esta situação particular do modo como os idosos têm encarado o uso das mídias digitais no cotidiano laboral. Perambular

nas mídias sociais em um momento de lazer é o mesmo que utilizar os programas digitais institucionais?

Entendemos que o tema está longe de estar satisfatoriamente abordado. No entanto, nos estudos das mídias digitais estamos sempre sendo confrontados. Será através da escrita etnográfica que pretendo trazer todos os anseios causados nos idosos/as servidores/as públicos quanto à imposição ao uso das mídias digitais. Ademais, pretendo oferecer informações institucionais sistematizadas à Universidade Federal de Goiás - e a sociedade, em termos mais amplos - sobre as dificuldades, os desafios e as oportunidades que o aprofundamento da digitalização do trabalho na educação pública superior tem produzido na perspectiva de servidores/as mais velhos/as.

Para a produção desta pesquisa, tomaremos as narrativas de servidores/as públicos/as federais na meia idade e velhice, sobre as formas de adaptação aos programas implantados pela Administração Pública Federal voltados para modernização e simplificação dos acessos dos servidores. Utilizarei também da observação-participante e análise de narrativas, sobre o envelhecimento e velhice e os desafios profissionais e pessoais relacionados aos usos de das mídias digitais no contexto de trabalho de servidores públicos/as federais.

Referencial Bibliográfico

COHEN, Lawrence. Não há velhice na Índia: os usos da gerontologia. **Textos didáticos: Antropologia e velhice**, p. 73-134 (1994).

CRUZ, Tadeu. **Inovações e Sistemas Tecnológicos de Apoio à Gestão Pública**. Valinhos (2015).

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice:**

Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (1999).

DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. **Antropologia e velhice**, v. 2, p. 7-27 (1994).

HENNING, Carlos Eduardo. **Por uma Antropologia do Curso da Vida: transformações na velhice, gênero, sexualidade e a assunção dos 'idosos LGBT'**. Projeto de pesquisa (2018).

HENNING, Carlos Eduardo. **Paizões, tiozões, tias e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, p. 73-90 (2014).

HINE, C.; PARREIRAS, C.; LINS, B. A. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. **Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)**, v. 29, n. 2, p. e181370, (2020).

LINS, Beatriz Accioly. **Caiu na rede: mulheres, tecnologias e direitos entre nudes e (possíveis) vazamentos**. Tese de Doutorado em Antropologia. São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo, (2019).

LINS, Beatriz Accioly; PARREIRAS, Carolina; DE FREITAS, Eliane Tânia. Estratégias para pensar o digital. **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, v. 29, n. 2, p. e181821-e181821 (2020).

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Organizado por Maria Cecília de Souza Minayo e Carlos E. A. Coimbra Jr. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ P. 13 e 15 (2002).

SCARTEZINI, Galba Cristina Bezerra França. Inovações Tecnológicas na Administração Pública: **a Implementação do Sistema Eletrônico de Informações – SEI**. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Gestão Pública – Centro de Ciências Empresariais e Sociais Aplicadas, Universidade Norte do Paraná, Goiânia (2018).

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos. **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. ABA (2016).

SILVA, Adriana Netto. **Inovações tecnológicas na administração pública: o saber e sua aplicação pelos servidores públicos**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA. Anais do II SENEPT. Belo Horizonte (2010).